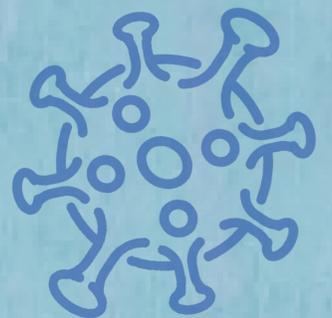


14ª Edição

MAPA SOCIAL DO CORONA



REALIZAÇÃO:



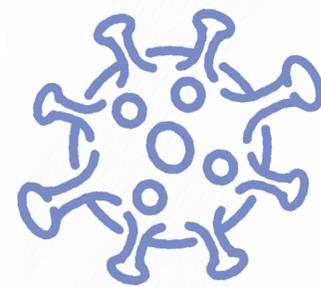
APOIO:



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



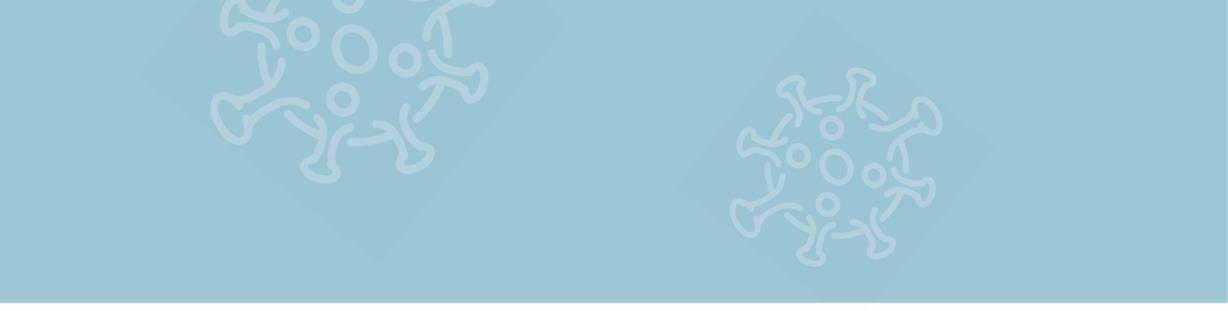


FORTALECIMENTO DE AGENTES DE SOLIDARIEDADE NA PANDEMIA: ACESSO A RECURSOS, DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL E EFETIVIDADE DAS AÇÕES CONTRA O NOVO CORONAVÍRUS NAS FAVELAS

Michella Maia, Aruan Braga, Lino Teixeira, Jorge Barbosa e
Richarlls Martins*

* Pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), coordenador executivo do Plano Fiocruz de Enfrentamento à COVID19 nas Favelas do Rio de Janeiro, mestre em Políticas Públicas em Direitos Humanos na UFRJ, psicólogo/UFRJ e doutorando em Saúde Coletiva/Fiocruz, consultor da Organização Panamericana de Saúde OPAS/OMS e do Fundo de População das Nações Unidas no Brasil.





Nesta edição do Mapa Social do Corona iremos destacar alguns dos resultados percebidos na chamada pública para Ações Emergenciais de Enfrentamento à Covid-19 em Favelas do Rio de Janeiro realizada pela Fundação Oswaldo Cruz.

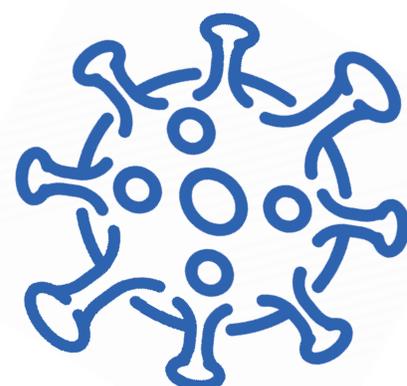
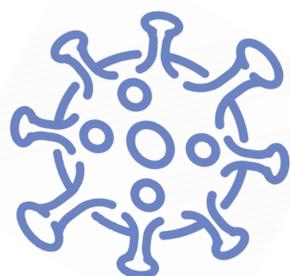
Como já foi apontado em edições anteriores deste boletim, as organizações e lideranças populares foram os atores que construíram primeiro ações de mitigação aos impactos sociais e humanitários da pandemia do novo coronavírus nas favelas e periferias do Rio de Janeiro. Em muitos territórios estas ações se apresentaram como a única alternativa de apoio à população. Portanto, a chamada pública liderada pela Fiocruz deve ser celebrada e analisada como uma política pública inovadora que reconhece o protagonismo dos atores locais que trazem consigo uma leitura acurada das demandas locais bem como das estratégias mais eficazes para sua superação. Ao fim, são agentes de solidariedade que compartilham afetos e vivências comuns com os beneficiários finais. Esta condição amplifica os impactos e o alcance das intervenções

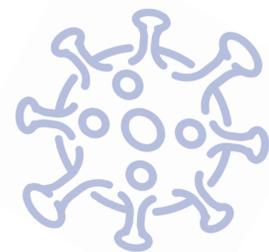
realizadas.

Cabe destacar ainda nesta introdução os percursos metodológicos que subsidiaram o presente texto. Nesta chamada pública em análise foram contempladas 54 organizações. Por isso, trazemos na primeira seção uma abordagem panorâmica sobre todas elas, a partir da espacialização em mapas e a consolidação de dados em gráficos. Destacamos, com efeito, a distribuição territorial e os campos temáticos com maior recorrência.

Na seção seguinte abordamos de forma mais aprofundada três casos contidos na cidade do Rio de Janeiro. Este recorte foi dominante nas edições anteriores do presente boletim e é sobre ele que detemos a maior capacidade de análise e cruzamento de informações. Por outro lado, é na cidade do Rio de Janeiro que estão a maior parte das organizações contempladas chamada. Partimos, portanto, de uma escala de observação ampliada para focalizar, ao fim, experiências específicas mais localizadas em seus desafios, mas sobretudo, seus acúmulos e sucessos.

Boa leitura.





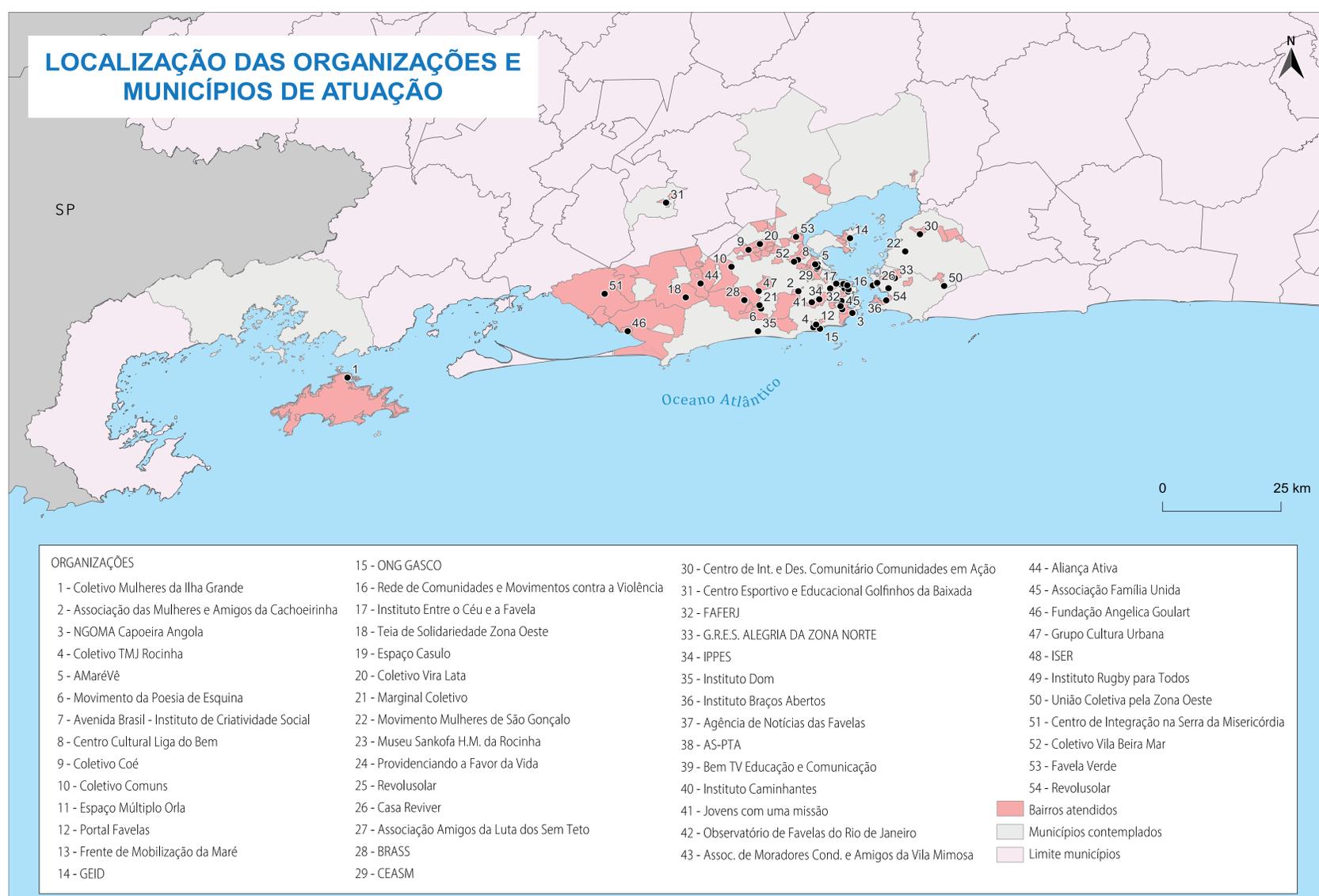
A FIOCRUZ NO FORTALECIMENTO DAS AÇÕES DE SOLIDARIEDADE EM FAVELA CONTRA O NOVO CORONAVÍRUS

Com o objetivo de mitigar os impactos da pandemia e de ampliar a participação social na vigilância em saúde nos territórios de favelas e periferias foi realizada pela Fio-cruz a chamada pública para Ações Emergenciais de Enfrentamento à Covid-19 em Favelas do Rio de Janeiro. A chamada contemplou 54 organizações distribuídas entre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) e o Sul Flu-

minense (**mapa 01**).

Bairros de oito municípios foram atendidos pelas organizações contempladas no edital, são eles: Rio de Janeiro, Niterói, São Gonçalo, Magé, Duque de Caxias, São João de Meriti, Queimados e Angra dos Reis. Sendo este último, o único contemplado fora da RMRJ com um projeto proposto pelo Coletivo Mulheres da Ilha Grande.

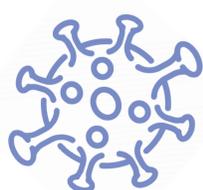
MAPA 01 - LOCALIZAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES CONTEMPLADAS IDENTIFICANDO BAIROS E MUNICÍPIOS DE ATUAÇÃO.



Fonte: elaboração própria/Observatório de Favelas

Dentre as organizações contempladas, 41 estão localizada na cidade do Rio de Janeiro e 13 se situam

fora da capital fluminense. Cabe salientar, porém, que em alguns casos as organizações com sede na capi-



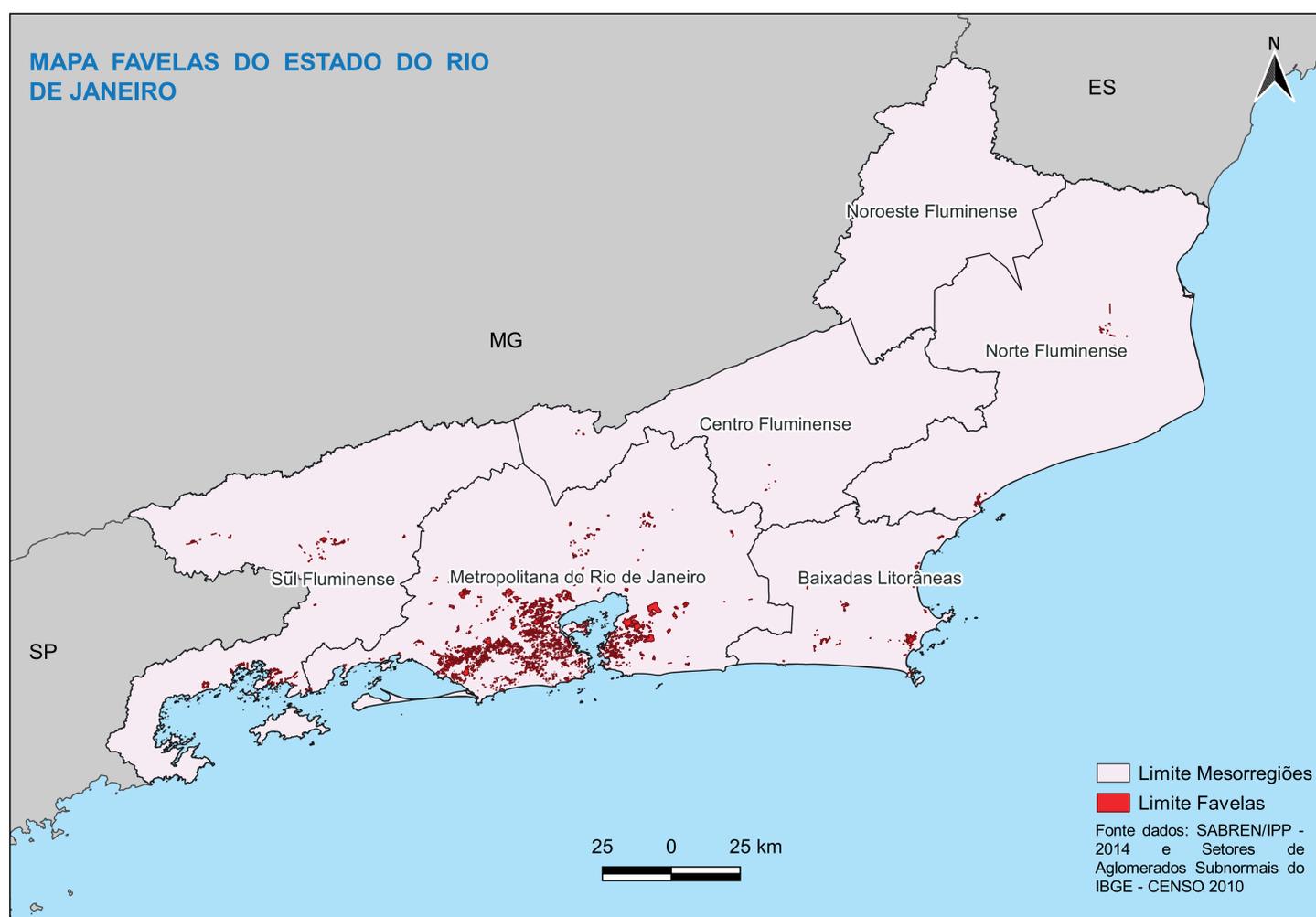


tal atuaram em outro município da RMRJ. A concentração de ações e organizações na RMRJ pode ser compreendida pelos processos de centralização característicos dos centros urbanos. Tanto a capital como os municípios adjacentes tiveram um crescimento populacional e urbano acelerado promovido em sua maioria pela luta e esforço próprio da população. Por consequência, **estas áreas concentram o maior contingente populacional do estado¹ e boa parte dessa população reside em áreas autoconstruídas**, como as favelas e as periferias. Outras regiões também possuem ci-

dades com favelas, ainda que com menor densidade quando comparada a RMRJ (**mapa 02**) fruto do processo de urbanização desigual observado no Brasil como um todo e também no Rio de Janeiro².

As cidades fluminenses ainda se desenvolvem seguindo a lógica de produção capitalista do espaço urbano, nos quais observa-se processos de segregação socioespacial relegando a população de menor poder aquisitivo a morar em áreas com menor infra-estrutura urbana e acesso a políticas públicas.

MAPA 02 - DISTRIBUIÇÃO DAS FAVELAS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO POR MESORREGIÕES



Fonte: Elaboração própria/Observatório de Favelas

¹ Ver mapa do Total da População nas Regiões do Estado do Rio de Janeiro, disponível em <<https://www.saude.rj.gov.br/comum/code/MostrarArquivo.php?C=Mzc2Nw%2C%2C>>, acesso em jan/2023.

² Ver Mapa Social do Corona, segunda edição "Urbanização desigual e a saúde pública nas cidades" <https://of.org.br/wp-content/uploads/2020/06/Mapa-Social-do-Corona-02.pdf>

Para enfrentar as vulnerabilidades impostas pela pandemia, as organizações atuaram em diferentes frentes de trabalho e a chamada pública contemplou projetos dentro de sete áreas temáticas, a saber: apoio social; comunicação e informação; saúde mental; proteção individual e coletiva; apoio à testagem, rastrea-

mento e isolamento; educação; e promoção de território saudável e sustentável.

Investigando os objetivos dos projetos contemplados na chamada destacamos cinco áreas temáticas em função de sua recorrência. Elas compreendem as seguintes ações³:

- **Apoio social:** ações de segurança alimentar, ações de mobilização para arrecadação e ou distribuição de cestas básicas, produção (e ou arrecadação) e distribuição de refeições prontas (quentinhas, por exemplo); e ações em diálogo com serviços para garantir assistência ao cidadão.
- **Comunicação e Informação:** ações de produção, adaptação e disseminação de materiais informativos e dados que busquem reduzir a propagação do coronavírus em favelas, bem como ações que promovam e facilitem a informação científica sobre as vacinas.
- **Educação:** ações que auxiliem no impacto da suspensão das aulas presenciais, atuem na redução da evasão escolar, incorporem formulações educativas no campo da vigilância, promoção e prevenção em saúde e apoio às escolas; ações que promovam a acessibilidade e diversidade com foco na redução das desigualdades educacionais impostas pela pandemia, ações de educação popular.
- **Proteção individual e coletiva:** ações de higiene pessoal e coletiva, ações que favoreçam a observância das medidas preconizadas pelas autoridades sanitárias, voltadas para o afastamento social e ações que fortaleçam a rede de atenção básica e auxiliem na formação de agentes comunitários em saúde nas favelas.
- **Saúde mental:** ações que contribuam para a promoção da saúde mental das populações em favela diante do risco de contaminação e da necessidade de isolamento social (atendimento telefônico e online com psicólogo/psiquiatra, terapia comunitária online etc.), ações que se articulem com populações em situação de rua.

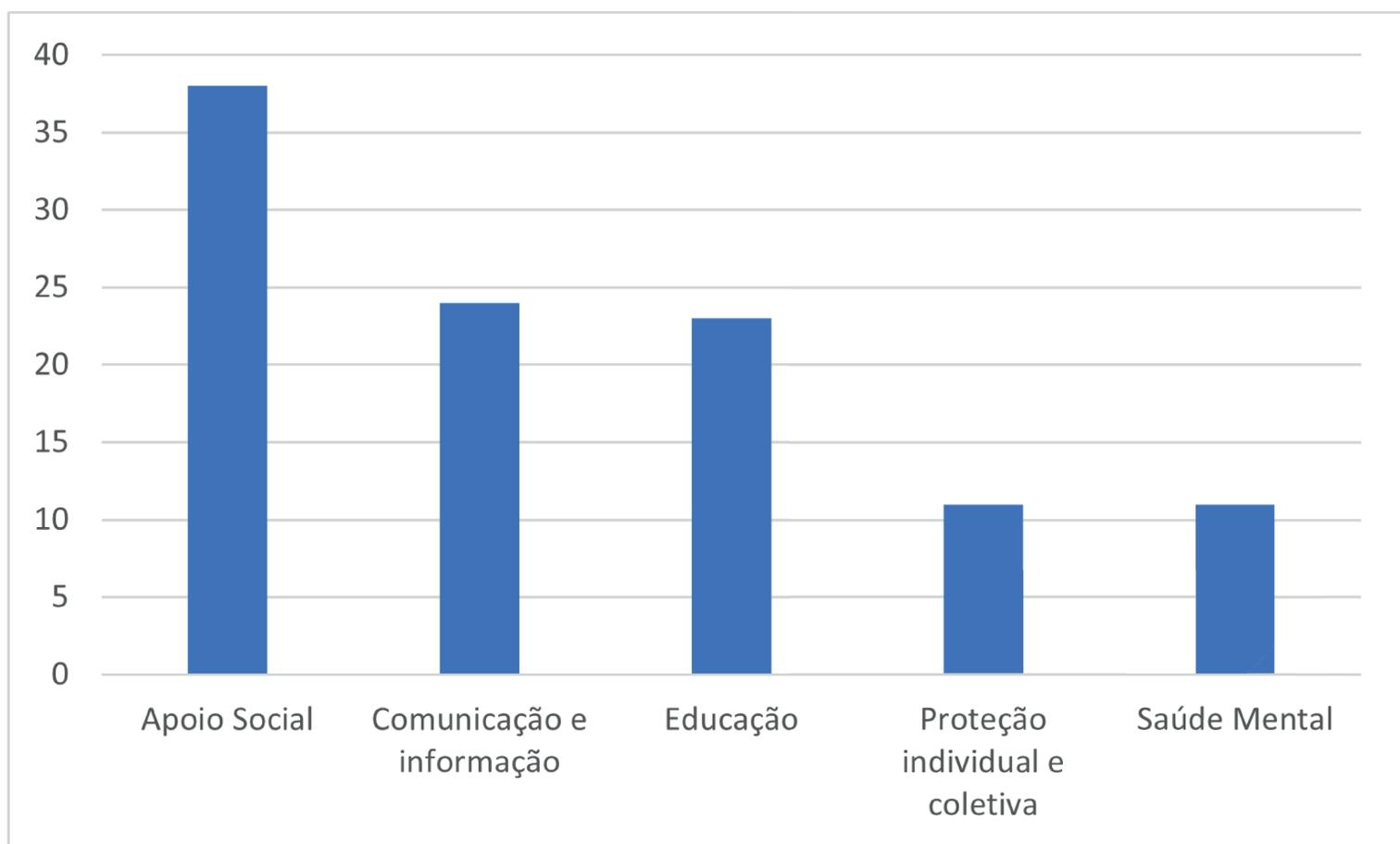
³ Fiocruz, 2021. "Chamada Pública para Apoio a Ações Emergenciais de Enfrentamento à COVID19 nas Favelas do Rio de Janeiro", disponível em <<https://portal.fiocruz.br/>>, acesso em jan/2023.



Cada área temática estabelecida na chamada se propunha a fortalecer ações que já aconteciam nos territórios. Observando em números essas ações (**gráfico 1**), pode-se demonstrar que **80% dos projetos tinham como objetivo descrito, exclusivamente ou conjuntamente com outros, o enfrentamento à**

fome buscando assegurar que as famílias não ficassem sem o básico para viver. Diante do aumento da pobreza, da diminuição de renda e crescimento do desemprego, as ações de Apoio Social se tornaram primordiais.

GRÁFICO 01 - TIPOS DE AÇÃO DESENVOLVIDAS PELOS PROJETOS CONTEMPLADOS



Fonte: Elaboração própria/Observatório de Favelas

As ações de distribuição de kits de higiene e atendimento psicossocial tiveram um percentual menor, 20,3%, porém foram ações que se somaram a outras. As ações na área de Saúde Mental contribuíram para ajudar psicologicamente famílias e pessoas que viviam sozinhas a enfrentar o isolamento/distanciamento social e

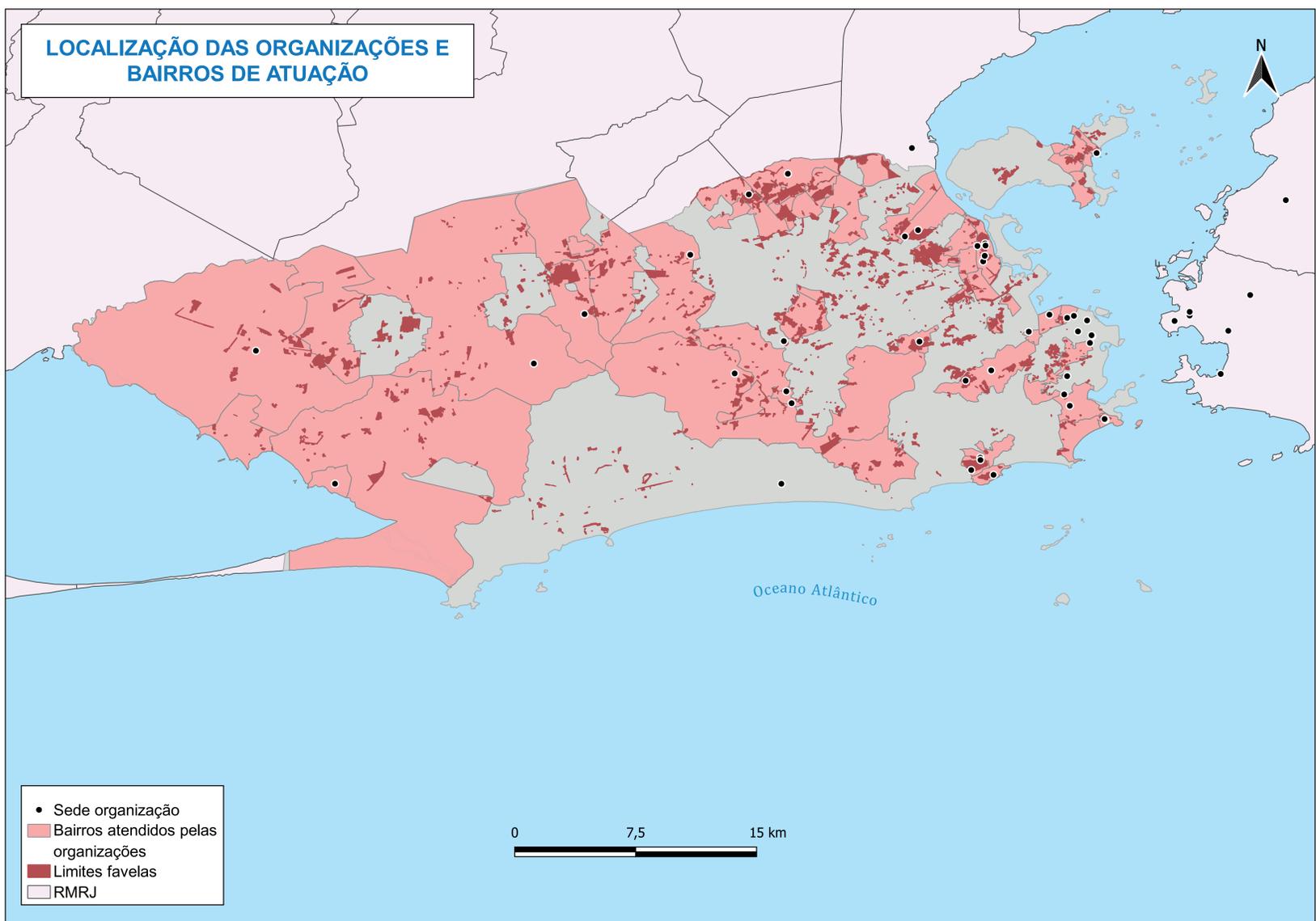
também para não deixar desassistidas pessoas que já tratavam doenças psicológicas. Já as ações de proteção individual e coletiva foram essenciais para conter o avanço da COVID nas favelas e periferias principalmente porque os serviços de saneamento básico ainda são deficientes nestes territórios, há casas que não contam



com abastecimento de água. São todas ações que se complementam visando mitigar os efeitos no dia a dia das famílias residentes em favelas. Somente na capital a prefeitura tem mapeadas pouco mais de 1000 favelas e elas estão distribuídas pela cidade, com maior preponderância nas zonas norte e oeste (**mapa 03**). Olhando com mais detalhe para a cidade do Rio, pode-se observar que as organizações contempla-

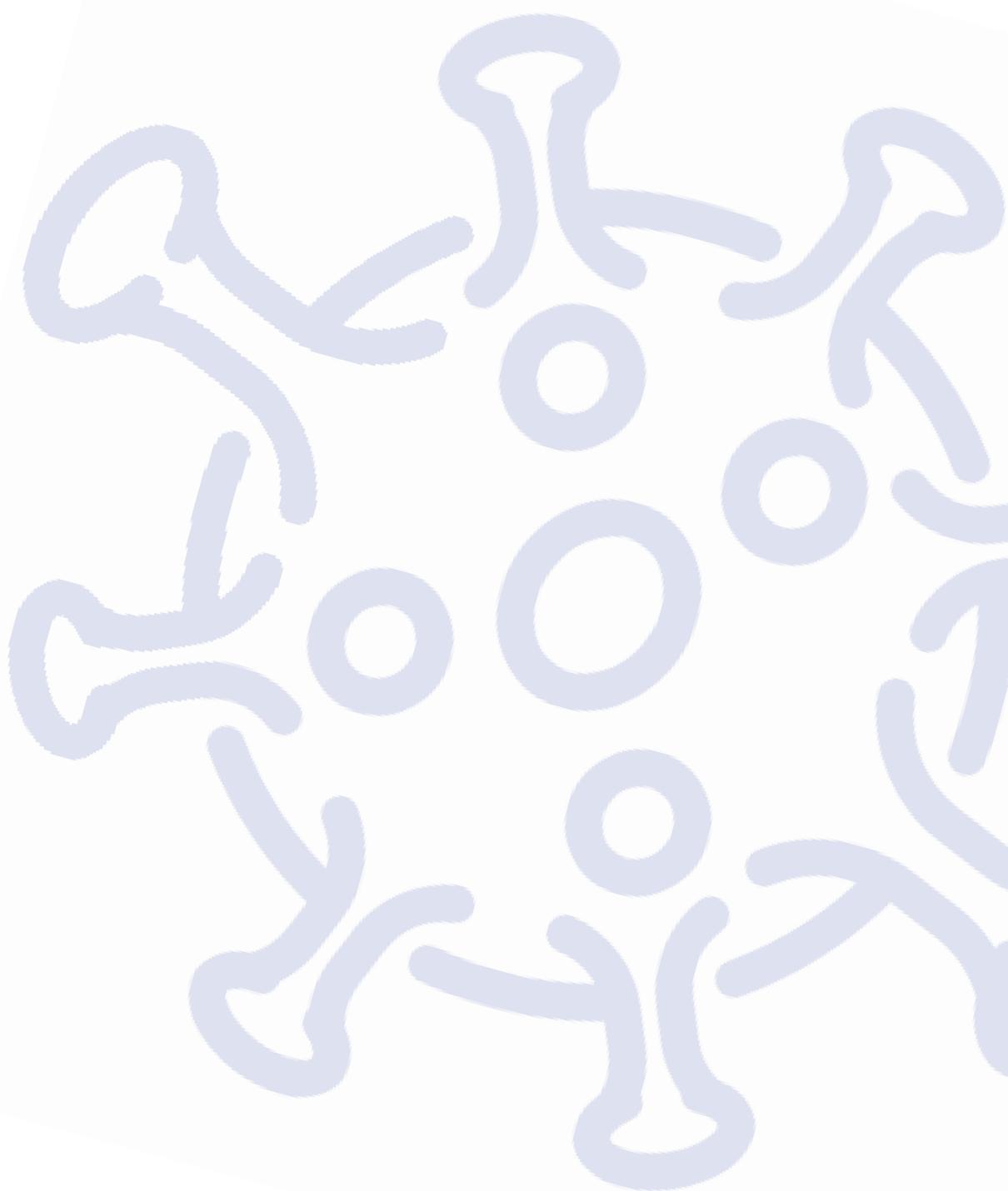
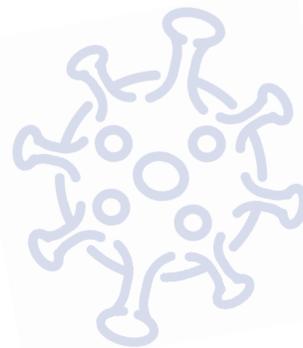
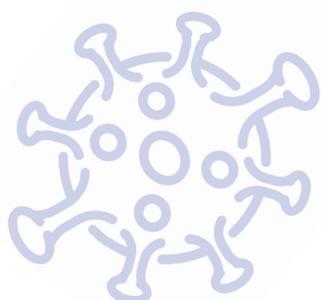
das pela chamada se concentram nas zonas norte, sul e centro. Apesar de algumas organizações não terem sede em favelas e bairros populares, as mesmas direcionaram suas ações e esforços para amparar a população residente nesses territórios. Após agosto de 2022 a representação de projetos contemplados na Zona Oeste aumentou, aprofundando a distribuição dos recursos disponíveis para os bairros com maior demanda.

MAPA 03 - LOCALIZAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES CONTEMPLADAS DESTACANDO FAVELAS E IDENTIFICANDO BAIRROS DE ATUAÇÃO NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO



Fonte: Elaboração própria/Observatório de Favelas

Uma facilitação da chamada pública possibilitou que 17 organizações e/ou coletivos sem CNPJ pudessem realizar a submissão de propostas em parcerias com organizações legalmente constituídas, contando ainda com a inclusão de assessores sociotécnicos e pesquisadores da Fiocruz que auxiliaram na execução de suas respectivas atividades. Importante notar que as organizações de favelas como Rocinha, Cidade de Deus e Maré conseguiram ser contempladas com recursos e aplicá-los no próprio território.



AÇÕES DE SOLIDARIEDADE APOIADAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UM MERGULHO NOS PROJETOS DA ROCINHA, PENHA E PEDRA DE GUARATIBA



A presente seção irá mergulhar em três experiências específicas de execução dos projetos e permitirá um olhar mais aprofundado para as pessoas protagonistas, suas organizações, projetos e também para o legado alcançado com o fortalecimento e o desenvolvimento institucional de coletivos.

Essa seção foi construída a partir de entrevistas realizadas com três personagens. São figuras inspiradoras com rica trajetória na sociedade civil organizada com conquistas significativas na luta por direitos para seus territórios de atuação e também de moradia. São elas:

Paulo Monteiro, educador socioambiental atuante neste campo há mais de vinte anos em diversas organizações e coordenador do projeto "Práticas e Atitudes Sustentáveis" há oito anos na Fundação Angélica Goulart, tanto para crianças e adolescentes, como para jovens e adultos. É especialista em gestão de resíduos e na implementação de tecnologias sociais voltadas para a proteção do meio ambiente.

Ana Santos, mulher negra, educadora popular, agricultora urbana e culinária. Encontra na Serra da Misericórdia, complexo da Penha, porto e morada da agroecologia urbana. Em solo tão marcado pela desigualdade social, Ana aposta na prática de cultivar alimentos saudáveis em confluência com a cultura e arte po-

pular como maneira de resistir na cidade. Acredita no poder curativo das plantas e na produção de alimento saudável na cidade como direito humano fundamental.

Antonio Carlos Firmino é geógrafo e coordenou uma das Instituições mais antiga da Favela da Rocinha, a Ação Social Padre Anchieta - ASPA por 12 anos, atuou como TUXAÚA articulando os Fórum dos Pontos de Cultura do Estado do Rio de Janeiro e é membro dos coletivos "Rocinha sem Fronteiras" e "Rocinha Resiste". Atualmente participa da Rede de Museologia Social do Estado do Rio de Janeiro e é coordenador, além de fundador, do Museu Sankofa e Memória e História da Rocinha.

A pandemia do novo coronavírus chegou no Brasil e especialmente nas favelas e periferias acompanhada de muita desinformação. O desconhecimento sobre a doença, por um lado, e a desconexão das orientações de prevenção com a realidade dos territórios populares, por outro, produziram um cenário de muita preocupação por parte das lideranças comunitárias e das organizações que atuam nesses locais.

Este momento inicial aparece de forma muito marcante no relato de Firmino e Paulo. **O elemento do desconhecimento mobilizou os**

agentes de solidariedade em favelas e suas redes de parcerias no sentido de coletar informações, disseminar e ajustar as dinâmicas e práticas de trabalho⁴. Foram incorporadas ações que nunca tinham sido realizadas anteriormente, como a distribuição de cestas básicas e kits de higiene, por exemplo.

“Primeiro que não sabíamos o que era o tal covid 19. As primeiras ações foram de total busca de informação para se prevenir.” (Antônio Firmino - Museu Sankofa e Memória e História da Rocinha)



Foto 01 - ação de conscientização realizada na Rocinha

“Logo no início da pandemia chegaram relatos pra gente sobre a vulnerabilidade alimentar das famílias atendidas pela instituição.

Nós nunca tínhamos trabalhado com esse tipo de assistência e vimos que tínhamos que trabalhar com a entrega de cestas básicas.”

(Paulo Monteiro - Fundação Angélica Goulart)

Embora estejam em localidades muito distantes na cidade do Rio de Janeiro, os relatos de Paulo, Firmino e Ana têm inúmeros pontos coincidentes. Ana aponta que a adaptação para as ações assistenciais foi um dos principais desafios enfrentados na Penha também. E, como apresentamos na seção anterior, a grande maioria dos projetos realizaram ações voltadas para a segurança alimentar.



Foto 02 - feira agroecológica em Pedra de Guaratiba

“80% dos projetos atuam no enfrentamento à fome e ao direito à alimentação. Foi apoiada a criação de 8 cozinhas comunitárias e 8 hortas orgânicas em favelas.”

(Levantamento Fiocruz, 2022)

⁴ 45% dos projetos contemplados na chamada pública atuam no campo da comunicação popular em saúde por meio de folders, podcast, vídeos, matérias jornalísticas, jornais, programas, lives, peças para redes sociais e cartilhas de prevenção à doença.” (Levantamento Fiocruz, 2022)

As organizações contempladas na chamada têm diferentes perfis no que se refere às áreas de atuação e também à escala atingida por suas ações. Identificamos instituições ligadas historicamente a ações no campo ambiental, outras voltadas para o esporte e/ou cultura. Inúmeras organizações também atuavam antes da pandemia com projetos educacionais, por exemplo.

A dimensão da escala territorial de atuação também diferencia de forma significativa as organizações contempladas na presente chamada pública. Embora todas tenham suas raízes fincadas nos territórios populares, algumas demonstram ao longo dos anos que extrapolam a escala local, alcançando outras favelas, bairros e cidades do estado do Rio de Janeiro. Em contrapartida, também podemos encontrar coletivos e organizações que concentram suas atividades em localidades específicas. Estão enquadradas nestes casos as organizações que submeteram projetos em parceria com outras instituições formalizadas e que atendiam os critérios burocráticos para acessar os recursos públicos da chamada.

Nesta situação se encontrava o Museu Sankofa, que formalizou parceria com outra organização para a participação nesta chamada.



“O Museu Sankofa está com sua documentação tramitando para formalização, por isso, optamos por buscar um parceiro que pudesse estar querendo construir um projeto conjunto. Encontramos e fizemos a parceria com o Centro Criação de



Imagem Popular, um parceiro antigo com forte ligação com o território da Rocinha.” (Antonio Firmino, Museu Sankofa - história e memória da Rocinha)

Independente dos campos temáticos e das diferentes escalas territoriais de atuação, os procedimentos de mapeamento e diagnóstico também foram fortalecidos ao longo da pandemia, incluindo a execução do projeto aprovado para esta chamada. Este procedimento se mostrou disseminado na maior parte dos projetos contemplados nesta chamada pública. Atividades preparatórias relacionadas à escuta das demandas bem como seu mapeamento preciso no território apontam uma nova estratégia de atuação incorporada por estas organizações, a qual confere a elas importante qualificação e ampliação do impacto dos projetos realizados.

“Iniciamos um processo de mapeamento e escuta da comunidade levantando as necessidades e convocando apoio interno e externo. Como a informação era a maior necessidade, circulamos cartazes sobre a covid em bares, padarias e escadas. Em março iniciamos as feiras solidárias e agroecológicas com alimentos sem veneno. Como o agricultor vinha entregar os alimentos, aproveitamos para fortalecer os encontros de quintais impulsionando o plantio dos quintais e gerando conversas políticas sobre temas variados. A saúde também foi um movimento interno coletivo, onde sem mapeamento os moradores da Terra Prometida ficaram desassistidos. Já do lado





político, dentro do Conselho de Segurança Alimentar reivindicamos o direito à alimentação adequada e saudável quando os dados da fome cada vez mais disparam com a inflação dos alimentos e a demora do Estado em apoiar as famílias em alto grau de fragilidade. (Ana Santos - Centro de Integração na Serra da Misericórdia)

O cenário pandêmico aprofundou as desigualdades sociais nas favelas e periferias do Rio de Janeiro, mas também demonstrou a força e a importância do trabalho realizado por organizações e lideranças comunitárias nestes lugares, a despeito da omissão e ineficiências das ações e políticas públicas. Para além de sublinhar o papel decisivo desempenhado por este atores, cabe neste momento ressaltar também o evidente processo de desenvolvimento institucional pelo qual suas organizações e coletivos passaram. Alguns alcançaram a formalização de suas instituições ao longo deste período, conseguiram construir estratégias mais efetivas de captação de recursos e sustentabilidade financeira, mas também construíram novas parcerias de extrema relevância.



“Os projetos contemplados na chamada apresentam forte interação com universidades, instituições de pesquisa e equipamentos públicos. No mínimo 50% dos projetos possuem elevado grau de parceria na condução de duas ações em articulação interinstitucional pública, fortalecendo a participação social nas favelas” (Levantamento Fio-cruz, 2022)



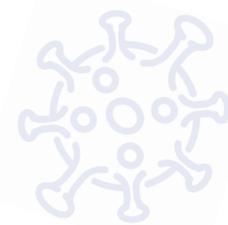
Foto 02 - Ação conjunta entre os três projetos contemplados na Rocinha: Tamajunto Rocinha, Instituto Dom e Museu Sankofa/CECIP.

Cabe destacar ainda o efeito de estímulo ao trabalho em rede. Ações articuladas entre diferentes atores e organizações é característica histórica da resiliência presente nos moradores e moradoras de favelas e periferias cariocas. Há, portanto, elementos históricos nas sociabilidades populares que subsidiam o sucesso atual desse tipo de trabalho.

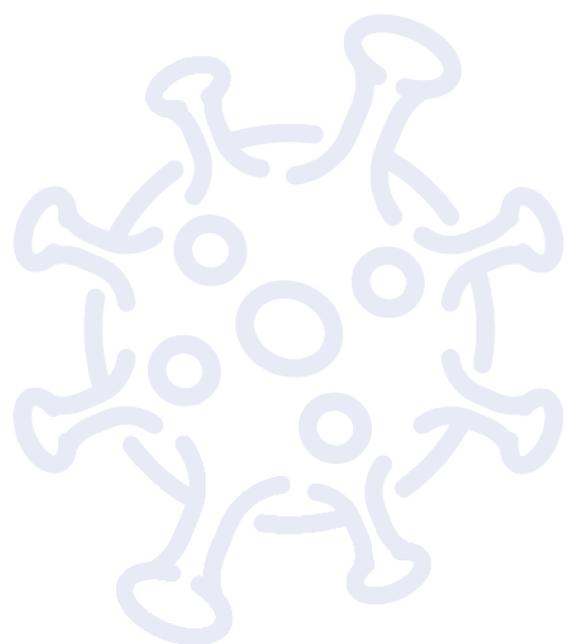


“Realizamos parcerias com vários órgãos públicos como: Universidades, unidades de saúde, Escolas públicas, assim como universidades privadas e escolas. Estamos sim se aproximando da UERJ departamento de História.” (Antonio Firmino, Museu Sankofa)

“Sempre dialogamos com as universidades e equipamentos públicos, faz parte da genética do CEM. Certamente o projeto da Fio-cruz consolida essas parcerias, possibilitando financeiramente uma maior circulação.” (Ana Santos, Centro de Integração na Serra da Misericórdia)



A pandemia escancarou e aprofundou as desigualdades sociais a ponto de serem vivenciadas na pele e/ou por vizinhos imediatos. Esta realidade reativou redes de autocuidado e quilombamento nos territórios populares. Elas foram as primeiras a se movimentarem nas favelas, antes de qualquer ação pública ou privada, e protagonizaram até o presente o momento de enfrentamento à Covid-19⁵. Mas não se restringiram ao nível local e se ampliaram para além deles, envolvendo principalmente órgãos públicos e universidades. Os relatos de Antonio Firmino e Ana Santos confirmam as trajetórias históricas e as ações intencionais de diálogo e atuação em rede.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As favelas e periferias cariocas são marcadas pela histórica dificuldade de acesso a um sistema de saúde eficaz em função das profundas desigualdades socioespaciais. Desde os primeiros impactos da pandemia as populações faveladas e periféricas construíram imediatamente redes de proteção e de solidariedade nas mais diversas áreas de atuação, cujos impactos puderam ser observados em diversas pesquisas como as realizadas nas edições 05, 10 e 11 deste boletim⁶.

A partir de uma leitura precisa do cenário pandêmico das periferias que apontava a necessidade de fortalecer ações e organizações endógenas, a Fundação Oswaldo Cruz lançou a chamada pública para Ações Emergenciais de Enfrentamento à Covid-19 em Favelas do Rio de Janeiro.

Quando observamos com detalhe o alcance da chamada no que se refere aos bairros e as organizações contempladas, percebemos uma sobreposição consistente entre elas e a localização das favelas no Estado do Rio. Quando consideramos a cidade do Rio de Janeiro, a Zona Oeste ainda apresenta projetos em menor número do que a demanda efetiva da região. A tendência apresentada a partir dos últimos projetos contemplados e as próximas edições da chamada é pelo

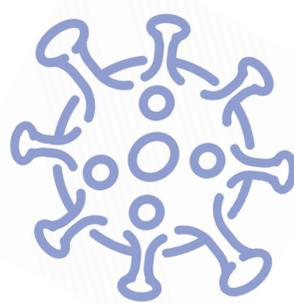
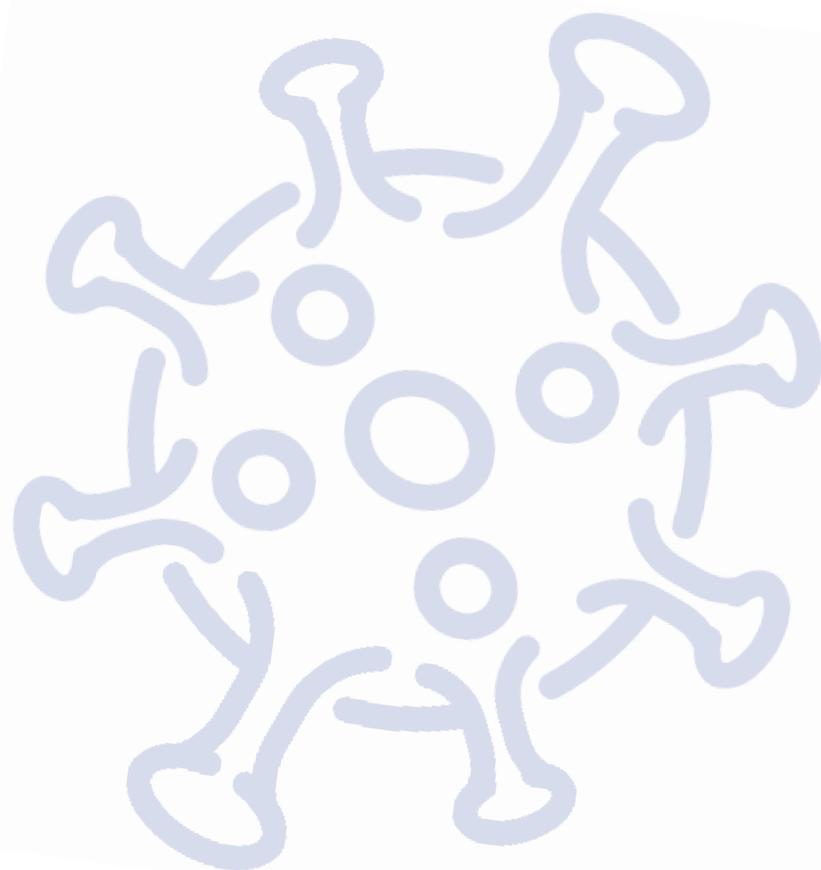
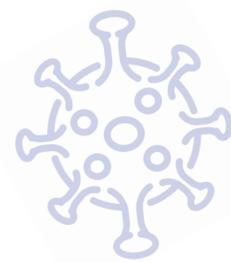
⁵ Ver Mapa Social do Corona, edição 10 "Quilombismo e liderança feminina: o protagonismo das favelas no enfrentamento à pandemia", disponível em: <https://of.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Mapa-Social-do-Corona-10.pdf>

⁶ <https://observatoriodefavelas.org.br/acervo/mapa-social-do-corona/>

atendimento efetivo da região mais populosa da cidade.

Quando consideramos a atuação em rede, mobilizando diferentes territórios e engajando diferentes coletivos, a Zona Oeste é referência e agrega muito conhecimento sobre organização e ação conjunta. A capilaridade demonstrada por estratégias integradas como a da “União Coletiva pela Zona Oeste”, iniciativa que teve alguns dos seus coletivos contemplados na chamada pública, demonstram caminhos de sucesso seja para o diagnóstico situacional mais preciso seja para ampliar o alcance dos territórios intraurbanos com maior vulnerabilidade.

É possível identificar no histórico de autoconstrução, de lutas por direitos e de produção de modos de vida nas favelas cariocas inúmeras estratégias de ação coletiva e laços de solidariedade. A busca pela construção de vidas dignas por meio de espaços e de redes de ajuda mútua, apesar das diversas formas de opressão histórica, se contrapõem às lógicas hegemônicas etnocêntricas e patriarcais e se colocam como referências concretas para o enfrentamento das desigualdades sociais, seja em condições de agravamento por crises sanitárias ou mesmo fora delas. As experiências populares ao longo da pandemia são pioneiras no desenvolvimento de tecnologias sociais para o enfrentamento de crises em territórios populares e devem inspirar a elaboração de políticas públicas com este fim.



14ª Edição

MAPA SOCIAL DO CORONA

ACESSEM
NOSSAS REDES:



/OBSERVATORIODEFAVELAS



@DEFAVELAS



@DEFAVELAS



/OBSERVATORIODEFAVELAS

REALIZAÇÃO:



APOIO:



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO